

---

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

---

**LUANA RIBEIRO DO AMARAL**

**O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM PELA  
MEDIÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS CULTURAIS  
INICIAIS**

LUANA RIBEIRO DO AMARAL

**O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM PELA MEDIAÇÃO DAS  
EXPERIÊNCIAS CULTURAIS INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regiane Helena Bertagna

Coorientador: Prof. Dr. Abel Gustavo Garay González

Rio Claro - SP  
2021

A485d	<p>Amaral, Luana Ribeiro do</p> <p>O desenvolvimento da linguagem pela mediação das experiências culturais iniciais / Luana Ribeiro do Amaral. -- Rio Claro, 2021</p> <p>52 p.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro</p> <p>Orientadora: Regiane Helena Bertagna</p> <p>Coorientador: Abel Gustavo Garay González</p> <p>1. Educação. 2. Crianças Desenvolvimento. 3. Crianças Linguagem. 4. Mediação Cultural. I. Título.</p>
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LUANA RIBEIRO DO AMARAL

## O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM PELA MEDIAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS CULTURAIS INICIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Licenciada Plena em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Regiane Helena Bertagna (orientador)

Prof. Dr. Abel Gustavo Garay González (coorientador)

Profa. Dra. Laura Noemi Chaluh

Profa. Dra. Fabiana Alvarenga Filipe

Aprovado em: 11 de janeiro de 2022

*Luana Amaral*  
Assinatura do discente

*Regiane Helena Bertagna*  
Assinatura da orientadora

*Abel Gustavo Garay González*  
Assinatura do coorientador

Dedico este trabalho à minha mãe, Luzia.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte da minha formação acadêmica, especialmente aquelas que acompanharam a realização deste trabalho. A Deus, primeiramente, pois sem Ele nada teria sido possível.

À minha mãe, Luzia, minha primeira professora, pelas lutas e sacrifícios que fizeram com que eu pudesse chegar até aqui, sendo minha maior inspiração de vida profissional e pessoal. Palavras são pouco para expressar meu agradecimento eterno à mulher que fez de mim quem eu sou.

Ao meu pai, Leandro, pelo incentivo em sempre seguir meus estudos e sonhos.

Aos meus irmãos, Gabriel e Lavínia, por serem meus principais motivos de continuar todos os dias.

A minha avó materna, Catarina, pelo apoio em todos os momentos de minha vida, sem ela não teria chegado até aqui.

Aos meus avós, Lucia e Orivaldo, pelas palavras de carinho em cada conquista atingida. Aos meus tios e primos, que fazem parte da minha construção diária.

Aos meus orientadores, Prof. Dr. Abel Gustavo Garay González e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regiane Helena Bertagna, pelo trabalho de orientação formidável, confiança e incentivo que levaram à concretização do presente trabalho. Um agradecimento imenso e fraterno.

Às minhas professoras de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, das quais me recordo dos nomes em ordem cronológica até o presente dia, tamanha importância que tiveram em minha formação: Susana (Maternal), Magali (Pré I), Sabrina (Pré II), Lílian (Pré III), Kátia (1<sup>a</sup> série), Lílian (2<sup>a</sup> série), Fabiana (3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> séries). Obrigada pelos estímulos.

Às minhas amigas de formação e de vida, que passaram pelos mesmos processos, compartilhando momentos de risos, suor, lágrimas e conversas na madrugada.

À toda instituição da “Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho” (Campus Rio Claro) por ser o lugar que sempre chamarei de lar.

A todos que seguraram minha mão e cruzaram o meu caminho, deixando marcas eternas em minha formação pessoal e profissional, neste período de estudos e, principalmente, existência: Obrigada!

*“Eu sonho com um país onde a educação prevalecerá”  
(Malala Yousafzai)*

## RESUMO

Mesmo antes de nascerem, os bebês já têm contato com a linguagem (entendendo-se, neste trabalho, linguagem como sendo as linguagens oral, escrita, gestual etc. de uma cultura). A apropriação e o desenvolvimento da linguagem têm gênese histórica-social e depende do ambiente cultural em que a criança está inserida. Sendo a linguagem um meio de comunicação social que se forma e se desenvolve pelas mediações que acontecem nas culturas humanas, é através da internalização dos signos que pensamento e fala convergem, fazendo com que as funções psíquicas superiores do ser humano se desenvolvam. Assim, propõe-se neste trabalho uma análise acerca da influência das experiências culturais iniciais da vida de crianças de 0 a 2 anos no desenvolvimento da linguagem, a partir da produção acadêmica sobre a temática. Para atingir este objetivo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com estratégia de investigação analítica-qualitativa, tendo como base publicações já feitas sobre o assunto em livros e artigos, que foram selecionados por meio de buscas em plataformas artigos científicos (como SciELO), fazendo uso dos descritores: linguagem infantil, crianças de 0 a 2 anos, cultura e experiências culturais iniciais; procurando, portanto, compreender como as experiências culturais iniciais da vida de uma criança influenciam no desenvolvimento da linguagem e explicitar como se dá o desenvolvimento da linguagem pela mediação das experiências culturais iniciais em crianças de 0 a 2 anos. Dessa forma, defende-se que frequentar uma escola na infância coloca a criança frente a experiências diferentes daquelas vividas no seio familiar. Interagir com pessoas de diferentes culturas, com a mediação de profissionais capacitados em desenvolver a criança de modo integral, promove o desenvolvimento da linguagem infantil através do estímulo à interação e comunicação com o próximo.

**Palavras-chave: Desenvolvimento da linguagem infantil. Mediação cultural. Crianças de 0 a 2 anos. Teoria Histórico-Cultural.**



## ABSTRACT

### *The development of language through initial cultural experiences' mediation*

Even before being born, babies are already in contact with the language (understanding, in this final paper, language as the oral, written, gestural, and others, languages of a culture). The appropriation and development of language have a historical-social genesis and depend on the cultural environment in which the child is inserted. Since language is a means of social communication that is raised and developed through mediations that occur in human cultures, it is through the internalization of signs that Thinking and Speech converge, making the Higher Mental Functions of the human being develop. Thus, this final paper proposes an analysis of the influence of early cultural experiences on language development in the lives of children aged 0 to 2-years-old, based on academic production about the subject. To achieve this goal bibliographic research was carried out with an analytical-qualitative research strategy, based on publications made about the analyzed subject in books and articles, which have had selected through searches in scientific articles publishing platforms (as SciELO), using the descriptors: child language, children aged 0 to 2-years-old, culture and early cultural experiences; therefore searching, to understand how the early cultural experiences of a child's life influence language development and to explain how language development takes place through the mediation of early cultural experiences in children aged 0 to 2-years-old. For this purpose, the argumentation is that attending a pre-school during childhood places the child face to face with different experiences from those lived within the family. Interacting with people from different cultures, with the mediation of professionals capable of fully developing the child, promotes the development of children's language by encouraging interaction and communication with others.

**Keywords: Children's language development. Cultural mediation. Children aged 0 to 2-years-old. Cultural-Historical Theory.**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
Objetivo Geral .....	12
Objetivos Específicos .....	12
<b>2 O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO E DA LINGUAGEM DA CRIANÇA DE 0 A 2 ANOS POR MEIO DA RELAÇÃO COM O ADULTO E COM O MEIO .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 O desenvolvimento infantil de 0 a 2 anos, a linguagem e a relação com o adulto e o meio .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1.1 A chegada da Primeira Infância .....</b>	<b>20</b>
<b>2.2 A relação entre Pensamento e Linguagem e o processo de internalização</b>	<b>23</b>
<b>2.2.1 Pensamento .....</b>	<b>25</b>
<b>2.2.2 Linguagem .....</b>	<b>28</b>
<b>2.2.3 Processo de internalização .....</b>	<b>32</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>34</b>
<b>4 A INSERÇÃO CULTURAL DO INDIVÍDUO, A INTERFERÊNCIA DO MEIO E OS ESTÍMULOS NECESSÁRIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NA CRIANÇA DE 0 A 2 ANOS. ....</b>	<b>38</b>
<b>4.1 A inserção cultural do ser humano e a interferência do ambiente no desenvolvimento da linguagem humana .....</b>	<b>38</b>
<b>4.2 Os estímulos ao desenvolvimento da linguagem na criança de 0 a 2 anos</b>	<b>42</b>
<b>4.2.1 É impossível comunicar-se com bebês? .....</b>	<b>42</b>
<b>4.2.2 O papel da educação e do educador .....</b>	<b>43</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Uma das características que nos torna humanos, diferenciando-nos dos demais animais encontrados na natureza, é a linguagem. O homem é um ser social, portanto, a linguagem surgiu da necessidade de comunicação e de interação com os pares (PAIM; SANTOS; KRÁS, 2012).

Ao longo de toda a História, o ser humano foi apropriando-se da cultura produzida pelos que vieram antes dele, tornando-se um sujeito histórico e social. As aprendizagens adquiridas vão desde conhecimentos simples a complexos, e é através da educação que o indivíduo se atualiza historicamente, tendo o educador como “mediador das situações de aprendizagem” (MATA, 2008 p. 15). Através da internalização do mundo ao seu redor e da inserção cultural, a criança interioriza o conhecimento advindo do seio familiar e das outras instituições em que é inserida e desenvolve-se linguisticamente.

Entretanto, para que ocorra esse desenvolvimento é necessário que o sujeito se aproprie de conteúdos que o permitam exercer sua cidadania na sociedade em que vive (MATA, 2008), cabendo à escola a responsabilidade social de prover ao aluno condições saudáveis de desenvolvimento e sistematizar os conhecimentos que permitam ao aluno enxergar seu lugar no mundo.

Com todas as modificações sociais nas últimas décadas (como a intensificação da entrada das mulheres no mercado de trabalho, a crescente industrialização e a universalização do ensino no Brasil) a escola tornou-se um espaço com função social no processo de formação do sujeito. Devido a complexificação da sociedade burguesa a partir da metade do século XIX, tornou-se necessário criar aparelhos de manutenção da hegemonia, utilizando

[...] não apenas do aparelho escolar, mas de um amplo aparato que inclui a imprensa diária e periódica, os meios de comunicação de massa e as novas tecnologias de comunicação e informação, além das igrejas das mais diferentes confissões religiosas que cumprem o papel de conformar e resignar as massas à sua condição social (SAVIANI, 2013, p. 42).

Para Saviani (2013), a função social que exerce a escola em meio ao sistema é a de organizar e tornar possível o processo de transmissão e assimilação dos conhecimentos que a sociedade sistematizou ao longo de toda linha histórica. A escola, então, torna-se elemento crucial na apropriação da herança cultural que

possibilita a inserção da criança na cultura e seu consequente desenvolvimento linguístico.

A aquisição e desenvolvimento da linguagem trata-se de um processo que não somente depende de maturação biológica, mas provém do ambiente cultural em que a criança está inserida desde antes de seu nascimento e enquanto cresce.

O homem, como ser social, não é formado apenas pela herança biológica. Absorvendo o que está presente ao seu redor, as crianças recebem a herança cultural (BARBOSA, 2013 apud LARAIA, 2005 p.70) que perpassa gerações, atribuindo juízo e valores aos atos, dotando-os de significado.

Nesta imersão cultural, o indivíduo aprende a relacionar-se com o mundo e com as pessoas que o cercam (BARBOSA, 2013). É mediante a memória e a publicidade da cultura que os humanos que convivem em sociedade são inseridos na cultura do povo a que pertencem. Isso demanda, de fato, uma interação entre sujeitos, pois é através do outro que a criança imerge nas instituições sociais e culturais. Com os elementos que a cultura oferece, os indivíduos conseguem relacionar-se com o mundo ao seu redor (BARBOSA, 2013 apud OLIVEIRA, 2005).

Citando as experiências de Shapiro e Gerke, Vygotsky (1991, p. 18) explicita “o papel da experiência social no desenvolvimento humano”, pois é através da imitação do outro que as crianças criam esquemas de ações. Quando fala e signos se incorporam a estas ações, a criança começa a controlar não só seu comportamento como o ambiente ao seu redor (VYGOTSKY, 1991).

Para Vygotsky, “o processo de desenvolvimento é socialmente constituído” (REGO, 1994, p. 56), colocando a maturação biológica não como fator determinante desse desenvolvimento, pois as formas mais complexas do comportamento humano dependem da interação da criança com a cultura que a cerca.

Desse modo, o desenvolvimento humano não pode ser considerado linear e universal, mas, por relacionar-se ao contexto sociocultural do indivíduo, ocorre através de “rupturas e desequilíbrios” que se reorganizam continuamente no sujeito ainda infantil (REGO, 1994, p. 58).

Mesmo inicialmente mediada pelos adultos, a relação da criança com o mundo e com os objetos, assim como seu comportamento, acontece por influência da cultura em que está inserida. É, também, através dos adultos e de crianças mais velhas que

o sujeito inicia a formação de seus processos psicológicos mais complexos. Essas mediações são de extrema importância, pois,

[...] por intermédio dessas mediações, os membros imaturos da espécie humana vão pouco a pouco se apropriando dos modos de funcionamento psicológico, do comportamento e da cultura, enfim, do patrimônio e da história da humanidade e de seu grupo cultural. Quando internalizados, estes processos começam a ocorrer sem a intermediação de outras pessoas (REGO, 1994, p. 61).

Pouco a pouco essas atividades são internalizadas pelas crianças e tornam-se um processo independente do outro, e esta passa a construir seus processos mentais apoiando-se em recursos internos.

Para enxergar efetivamente a relação entre desenvolvimento do pensamento e desenvolvimento social das crianças, é necessário entender que pensamento, palavra, comunicação e generalização se interligam de forma a garantir a função social detida pela linguagem. Adquirindo a linguagem oral, tendo os adultos como mediadores, a criança amplia seu vocabulário e adquire as regras sociais comunicativas. Por meio do amadurecimento biológico, mas, principalmente, das mediações sociais, a palavra internalizada e generalizada passa a ter significado e sentido, se transpondo de apenas um som para uma forma intencional de comunicação.

Desta forma, a principal motivação que justifica e sustenta o presente estudo é a atualidade e relevância do tema, que trata do desenvolvimento da linguagem pela mediação cultural inicial logo na primeira infância, para a área da Educação, principalmente, no que diz respeito à Educação Infantil.

Experiências que foram vivenciadas em alguns anos de trabalho na Educação Infantil fomentaram o incentivo no aprofundamento sobre o assunto e deram origem a esta pesquisa. Observações no relacionamento entre crianças, professoras e núcleo familiar mostraram que o desconhecimento acerca do desenvolvimento infantil (em especial no que diz respeito à linguagem) levam a suposições de que a criança, conforme se desenvolve em um ritmo individual, tem algum transtorno inexistente. Isto pode trazer prejuízos como intervenções médicas e até medicalizações desnecessárias, já que cada desenvolvimento é único e não universal.

Levando em conta os diversos aspectos do desenvolvimento e da aprendizagem infantil, mas centralizando o foco no amadurecimento da linguagem e como este influencia no desempenho futuro da criança, pretende-se, através deste trabalho,

explicitar aspectos socioculturais que impulsionam ou deprimem o desenvolvimento das crianças.

Desta forma, busca-se contribuir para uma mudança positiva da prática pedagógica direcionada a crianças de 0 a 2 anos, faixa-etária em que, para Vygotsky, a atividade principal é a comunicação, pois “mesmo a fala mais primitiva da criança é social” (REGO, 1994).

Para isso, os seguintes objetivos foram delineados:

**Objetivo Geral:** Analisar a influência das experiências culturais iniciais da vida de crianças de 0 a 2 anos no desenvolvimento da linguagem, a partir da produção acadêmica sobre a temática apresentada.

**Objetivos Específicos:** Identificar nas produções acadêmicas as diferentes perspectivas e abordagens sobre o desenvolvimento da linguagem e a mediação cultural;

Analisar as diferentes formas de estimular o desenvolvimento da linguagem em crianças de 0 a 2 anos.

O presente trabalho está formatado da seguinte forma:

**Introdução:** apresentação do tema e sua importância para a Educação atual, justificando a escolha do tema para um Trabalho de Conclusão de Curso, explicitando qual será a base teórica e a faixa etária analisada.

**Seção 1:** exposição da teoria que embasa a discussão teórica e a análise do tema proposto, sobre o desenvolvimento infantil, da linguagem e pensamento, e a influência exercida pela relação com o adulto e o meio no desenvolvimento infantil de 0 a 2 anos, em geral e em específico da linguagem.

**Seção 2:** relato dos procedimentos metodológicos utilizados no decorrer do estudo e os percalços encontrados ao realizar uma pesquisa em meio a uma pandemia que ainda afeta a população mundial.

**Seção 3:** argumentação sobre o embasamento teórico da primeira seção e discussão dos temas centrais que norteiam a pesquisa, sendo estes a inserção cultural do indivíduo, a interferência do meio, a comunicação com bebês e os estímulos necessários para o desenvolvimento da linguagem na criança de 0 a 2 anos e o papel da escola e do educador no desenvolvimento da linguagem infantil.

Considerações finais: síntese das considerações e análises que fizeram com que o objetivo do trabalho fosse atingido, bem como a indicação do desejo de estender a pesquisa futuramente em programas de pós-graduação.

Referências bibliográficas: mostra os principais materiais utilizados para analisar e fundamentar a pesquisa.

## **2 O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO E DA LINGUAGEM DA CRIANÇA DE 0 A 2 ANOS POR MEIO DA RELAÇÃO COM O ADULTO E COM O MEIO**

### **2.1 O desenvolvimento infantil de 0 a 2 anos, a linguagem e a relação com o adulto e o meio**

O ser humano, para Vygotsky, difere-se dos animais, principalmente, por (além das heranças hereditárias e da experiência individual) ter uma terceira fonte de atividade consciente, que é responsável pela maioria dos “conhecimentos, habilidades e procedimentos comportamentais: a assimilação da experiência de toda a humanidade” (REGO, 1994, p. 48) que foi-se acumulando no decorrer da história social da raça humana e passada para as gerações seguintes através do processo de aprendizagem. Assim, enquanto o psiquismo animal determina-se pelas leis de evolução, o do ser humano está sujeito à influência do desenvolvimento sócio-histórico.

Vygotsky indica, em suas obras, a grande importância da interação social no desenvolvimento humano, contribuindo significativamente para a tese de que o processo de desenvolvimento é socialmente construído. Para ele, a maturação biológica é fator secundário no que diz respeito ao desenvolvimento de formas não primitivas, e sim complexas, do comportamento humano. Estas, então, dependem da interação infantil com a cultura em que se insere (REGO, 1994).

Para humanizar-se, a criança precisa conviver com outras pessoas, crescendo e interagindo com elas, sendo inserida num ambiente social. O desenvolvimento humano não pode ser considerado linear e universal, mas, por relacionar-se ao contexto sociocultural do indivíduo, ocorre através de “rupturas e desequilíbrios” que se reorganizam continuamente no sujeito ainda infantil (REGO, 1994, p. 58). O bebê humano é indefeso quando comparado com outras espécies animais, pois depende de outros sujeitos mais desenvolvidos de seu grupo para sobreviver, sendo provido de suas necessidades de abrigo, alimentação, higiene, afeto e da formação humana propriamente dita.

Se no início da vida as atividades psicológicas dos bebês são determinadas pela herança biológica, aos poucos, e através da interação com outros de seu convívio social e com os objetos culturais que o cercam, estes passam a “governar o comportamento e o desenvolvimento de seu pensamento” (REGO, 1994, p. 59).



Portanto, segundo Vygotsky, ao observarmos o processo de construção do ser humano, podemos diferir

[...] duas linhas qualitativamente diferentes de desenvolvimento, diferindo quanto à sua origem: de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, de origem sócio-cultural. A história do comportamento da criança nasce do entrelaçamento dessas duas linhas. A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores seria impossível sem um estudo de sua pré-história, de suas raízes biológicas, e de seu arranjo orgânico (VYGOTSKY, 1991, p. 34).

É com o auxílio do adulto que a criança assimila as habilidades socialmente construídas ao longo da História. Essas intervenções impulsionam a formação dos processos psicológicos superiores. Desse modo, Vygotsky reforça que o desenvolvimento e humanização do indivíduo se dá através das mediações com o meio, pois as funções psicológicas superiores surgem a partir da vida social dos sujeitos. Portanto, do viés vygotkiano, o desenvolvimento de processos psicológicos propriamente humanos é mediado por outros sujeitos, pelos signos e pelas ferramentas, e as crianças constroem-se individualmente ao internalizarem as experiências culturais a que são expostas (REGO, 1994).

Assim, mesmo antes de nascerem os bebês já têm contato com a linguagem e constituem-se como seres culturais. Ao virem ao mundo, afetam-se pela vida social (MEC, 2016) que a comunidade já construiu ao seu redor. Através da mediação dos adultos e de seus pares, os bebês tornam-se humanos e adquirem gradativamente a linguagem pertencente à cultura em que estão inseridos.

A aquisição da linguagem acontece gradativamente, ao passo que o desenvolvimento da criança também não ocorre de maneira regular. Alguns dos períodos de transformação do desenvolvimento fazem com que a criança consiga manter constantes os aspectos principais de seu psiquismo por um tempo mais longo, enquanto outros períodos acontecem em saltos (em que traços do psiquismo atual somem e surgem outros que podem fazer com que a criança se torne irreconhecível). As crises de desenvolvimento, então, são marcadas por estes períodos de desenvolvimento por saltos (MUKHINA, 1995). As crises não são consideradas como negativas, como doenças, nas crianças, mas são entendidas como positivas porque se relacionam com mudanças significativas na formação e desenvolvimento delas. Vygotsky aponta a crise desta forma:

En muy breve espacio de tiempo el niño cambia por entero, se modifican los rasgos básicos de su personalidad. Desarrolla de forma brusca, impetuosa,

que adquiere, en ocasiones, carácter de catástrofe; recuerda un curso de acontecimientos revolucionarios tanto por el ritmo de los cambios como por el significado de los mismos. Son puntos de viraje en el desarrollo infantil que tienen, a veces, la forma de agudas crisis. (VYGOTSKY, 1996, p. 256).

As crises se configuram como momentos revolucionários na formação e desenvolvimento da criança. Deixar muito tempo a criança no estado de crise é o ponto negativo que se observa muitas vezes nas práticas pedagógicas dos docentes da educação infantil. Os docentes, por mediação de atividades intencionais, devem ajudar as crianças a saírem dessa situação. As crises, para Vygotsky, são explicadas a partir da lei da dialética, como momento da passagem da quantidade para a qualidade. Significa que com ajuda da mediação do adulto, a criança deve superar esses momentos de crises porque faz parte desse processo de formação e desenvolvimento humano.

Crianças que vivem em situações similares de desenvolvimento vão apresentar esses momentos de crise praticamente no mesmo período, e isso permite dividir a infância em algumas etapas. No presente trabalho, trataremos do período correspondente ao primeiro ano de vida (do nascimento até 1 ano de idade) e a primeira infância (entre 1 ano e 2 anos e 11 meses), focando no desenvolvimento da linguagem infantil neste mesmo período.

Os traços psíquicos principais, sobre os quais trataremos em alguns momentos, de crianças que se encontram em uma mesma etapa de desenvolvimento “são sua atitude frente ao mundo que as rodeia, suas necessidades e as atividades infantis que surgem dessas necessidades e interesses” (MUKHINA, 1995, p. 58). No primeiro ano de vida, a atividade principal, que determina as principais características psíquicas de cada etapa, é a relação emocional estabelecida entre bebê e adulto; enquanto que na primeira infância é a atividade com os objetos.

Assim, a infância, sendo “uma etapa de desenvolvimento físico do homem [...] é um fenômeno natural” (MUKHINA, 1995, p.59), mas a infância, reconhecida como período que prepara a criança para, no futuro, realizar um trabalho que dê retornos à sociedade, depende das características e condições socioculturais em que esta criança está inserida. Essa inserção cultural e a interferência do ambiente no desenvolvimento infantil será tratada ainda nesta seção, em subtópico posterior.

A passagem da criança de uma etapa para outra não depende do lugar em que esta ocupa na sociedade em que vive, mas sim de sua insatisfação com o lugar em que está e o desejo de mudar. Para Mukhina (1995, p.62),

chega um momento em que seus conhecimentos, seus hábitos, suas qualidades psíquicas, ou seja, suas possibilidades, entram em contradição com as velhas formas de ação e de relação com os que a rodeiam. A criança sente suas novas possibilidades e perde interesse pelas coisas que há pouco a interessavam. Procura novas relações com o adulto. Essa contradição se expressa sob a forma de crise: o velho já não satisfaz a criança e o novo ainda não foi forjado.

São em períodos como esses que surgem as dificuldades na educação das crianças, em que estas tornam-se teimosas e resistentes às exigências dos adultos. Um dos períodos de crise mais marcantes ganhou até um nome popular em inglês: *terrible two* (terríveis dois (anos), em tradução livre), indicando um período de mudanças comportamentais intensas que não necessariamente ocorrem aos dois anos de idade em todas as crianças, mas entre o primeiro ano de vida e os três anos.

A duração de períodos como esse depende da relação entre adulto e criança, em que o primeiro deve descobrir, levando em consideração os desejos da criança, as atividades e relações que esta está pronta para realizar e estabelecer. Uma criança sem estímulos para seguir seu desenvolvimento ficaria parada num mesmo estágio, por isso as contradições no processo de desenvolvimento psíquico são tão importantes: são elas que “dão origem a novas necessidades e interesses e o desejo de novas atividades” (MUKHINA, 1995, p. 62) para impulsionar o desenvolvimento psíquico.

O desenvolvimento psíquico da criança no primeiro ano de vida carrega premissas para assimilar a linguagem, desenvolvida com afinco nos anos seguintes (primeira infância), fatores que serão expostos a seguir.

O recém-nascido traz consigo uma enorme comoção, tanto para as pessoas que o rodeiam quanto para ele próprio. Ao passar de um ambiente relativamente estável (o corpo da mãe) para o ambiente externo, o bebê se vê, pela primeira vez, no mundo que, pela mediação dos adultos e de seus pares, o tornará humano.

Ao nascer, o bebê tem um sistema nervoso dotado de maneira a adaptar-se às ações externas, fazendo com que entrem em funcionamento os reflexos (que asseguram o funcionamento dos sistemas do organismo humano). É nesta etapa, que vem imediatamente após o nascimento, em que é possível observar os estados de ações inatas e instintivas do comportamento, que tem como propósito garantir a sobrevivência — mas não desenvolvem o psiquismo. Para Mukhina (1995, p. 77), “o comportamento humano, em todas as suas expressões, é algo que precisa ser formado nela”.

O ambiente em que o recém-nascido está inserido é de extrema importância para seu desenvolvimento, pois sua capacidade ilimitada de assimilação de novas experiências e aquisição de comportamentos propriamente humanos fazem com que, se as necessidades orgânicas forem supridas, acabem tornando-se secundárias, dando espaço à novas necessidades que são bases do desenvolvimento psíquico — como mover-se, interagir com o adulto, criar impressões, desenvolver a imaginação, a criatividade, a percepção, a lógica matemática, o pensamento, entre outros (MUKHINA, 1995).

Esta etapa da vida infantil pode nos mostrar um dos primeiros estágios do desenvolvimento da linguagem. O bebê inicia sua vida dando um primeiro grito ou choro, que nos primeiros dias é caracterizado como sendo um reflexo inato, sendo avaliado por especialistas como a primeira expressão emocional negativa. Em paralelo, o complexo de animação, uma reação emocional do recém-nascido que se dirige ao adulto, é produzido. Este pode ser observado quando a criança “concentra seu olhar no rosto que se inclina sobre ela, sorri para esse rosto, move animadamente os braços e as pernas e emite sons suaves” (MUKHINA, 1995, p. 81).

O complexo de animação se dá pelo desejo de comunicação da criança para com o adulto e é vista como a primeira necessidade social dela, e seu surgimento marca a passagem do período de nascimento para o primeiro ano de vida (MUKHINA, 1995).

Portanto, se a linguagem é um meio de comunicação social e sua função é comunicativa (VYGOTSKY, 2001), e o complexo de animação caracteriza-se como sendo este “desejo de comunicação com o adulto” (MUKHINA, 1995, p. 82); logo, no recém-nascido são encontradas características de desenvolvimento das premissas da linguagem, através da relação com o adulto.

A vida da criança depende integralmente do adulto, que satisfaz suas necessidades primárias de alimentação, higiene e, posteriormente, estímulos. O complexo de animação mostra que a criança reage positivamente às interações com o adulto e se entretém com essas relações, que aumentam no decorrer do primeiro ano de vida. No quarto ou quinto mês de vida, as relações entre bebê e adulto tornam-se seletivas e a criança começa a diferenciar o familiar do estranho, bem como celebrar a chegada do familiar e assustar-se com o estranho (MUKHINA, 1995).

Entretanto, se o adulto se predispõe a estar ao lado da criança o tempo todo, esse contato emocional tão importante para o desenvolvimento pode dotar-se de um caráter negativo, ao passo que o bebê se acostuma com atenção o tempo todo e não interessasse pelos brinquedos, chegando a chorar se fica sozinho. Por isso, segundo Mukhina (1995, p.83),

[...] quando os métodos educacionais são corretos, a relação direta (o relacionar-se por relacionar-se) que caracteriza o período inicial do primeiro ano logo é substituída por uma relação que envolve os objetos e brinquedos e se transforma em atividade conjunta do adulto e da criança.

A criança, então, é apresentada ao mundo material, e essa atividade conjunta do adulto e da criança é importante para que a criança manifeste o imitar do adulto. Por volta de 7 a 9 meses a criança acompanha as conversas dos adultos e, embora não reproduza imediatamente o que lhe foi exposto, o faz em momentos posteriores. O primeiro ano da criança se finda com uma grande imitação dos adultos, pois as ações assimiladas por ela dão base para seu desenvolvimento psíquico (MUKHINA, 1995).

É por intermédio da relação com o adulto que a criança enxerga a realidade e assimila gradativamente os costumes, comportamentos e a cultura de onde está inserida. É por meio da interação com o outro e com o meio que a criança humaniza-se (REGO, 1994).

A necessidade de comunicação com o adulto contrapõe-se às possibilidades comunicativas da criança no decorrer do tempo. Quando a criança começa a entender a fala humana e, posteriormente, a falar, essa contradição é solucionada. Com a necessidade de comunicação, criam-se as bases para que o bebê imite os “fonemas da linguagem humana” (MUKHINA, 1995, p.85)

Em González (2016, p.75) temos que “a comunicação para o ser humano tem uma função essencial em organizar, estruturar e desenvolver sua atividade e o caráter subjetivo da sua personalidade”. Sabendo que o estado emocional da criança em relação às interações com o adulto eleva a atividade geral, as tentativas de comunicação por parte da criança podem ser observadas desde cedo.

Aos 3 meses o bebê começa a emitir sons e repeti-los quando está de bom humor, e aos 4 meses imita ritmicamente alguns dos sons que já ouviu, também reagindo ao som da palavra que o adulto refere a ela. Com mais de 6 meses de vida, a criança com desenvolvimento típico começa a balbuciar tentando imitar as sílabas presentes nas palavras dos adultos, revelando o desejo de comunicar-se. Esse

balbucio auxilia no movimento dos lábios, língua e respiração, sendo uma “preparação” para a assimilação de qualquer língua que venha a aprender no futuro (MUKHINA, 1995).

Para Mukhina (1995), após os primeiros seis meses de vida, o adulto começa a criar situações que permitem que a criança desenvolva a linguagem, através de perguntas que provocam uma reação de orientação. Ao nomear um objeto e mostrá-lo à criança logo em seguida, estabelece-se uma relação entre o objeto e a palavra. O tom da pergunta feita vai determinar a compreensão da linguagem pela criança no primeiro ano. Após o primeiro ano de vida, estabelece-se uma relação entre o objeto e o nome, e a criança começa a buscar e encontrar o objeto nomeado. Segundo a autora, essa vai ser a forma inicial em que haverá uma compreensão da linguagem por parte da criança.

Também é por volta desse período final do primeiro ano que a criança começa a reagir às palavras do adulto com outras palavras. Quando finaliza esse período, a assimilação da linguagem pela criança tem caráter ativo e transforma-se num meio de ampliar o contato dela com o adulto, fazendo com que, ao compreender a linguagem do adulto, a criança busque uma relação maior com ele para conhecer e nomear novos objetos (MUKHINA, 1995).

Com isto, ao finalizar seu primeiro ano de vida, a criança já iniciou suas impressões iniciais da vida e do ambiente que a rodeia, bem como das premissas que permitem a passagem para a assimilação das diferentes formas de experiência social, que ocorrerá na primeira infância (MUKHINA, 1995, p. 102).

### **2.1.1 A chegada da Primeira Infância**

Assim como o nascimento do bebê, a passagem do primeiro ano de vida e início do segundo apresenta uma nova etapa no desenvolvimento infantil, para Mukhina (1995). Se neste um ano o bebê aprendeu a ver, escutar e controlar primitivamente o movimento das mãos, ao completar o primeiro aniversário, não temos mais um indivíduo desamparado, mas sim ativo em seu comportamento e contato com o adulto e com o meio que este proporciona-lhe. A Primeira Infância é coberta de grandiosas conquistas que embasam o continuar do desenvolvimento infantil.

Dentre as conquistas mais importantes da Primeira Infância temos o andar ereto, o desenvolvimento da atividade objetal e o domínio da linguagem (MUKHINA, 1995).

O andar ereto proporciona ao indivíduo ainda infantil uma liberdade de contato com o mundo externo, guiado pela capacidade de se orientar no espaço. Ao aprender a andar, a criança aumenta a percepção do que Mukhina (1995) chama de mundo dos objetos, pois consegue manipulá-los, se o adulto proporcionar isto a ela.

Já o desenvolvimento da atividade objetal interliga-se a isto pois os objetos começam a ter novos significados ao saírem do patamar de coisas manipuláveis e passarem a ter um determinado sentido e modo de uso específico, cumprindo a função que a sociedade atribuiu a ele. Assim, a criança começa a focar seus interesses em assimilar novas ações com o objeto, ao observar o modelo do adulto ou de crianças mais velhas, e o adulto assume um outro papel: “de colaborador e de ajudante nesse propósito” (MUKHINA, 1995, p. 107). É assimilando o uso dos objetos cotidianos que a criança aprende as regras de comportamento sociais construídas pelos antepassados da cultura em que está inserida.

Neste ponto, chegamos ao desenvolvimento da linguagem na Primeira Infância, um dos marcos mais importantes desse estágio de desenvolvimento e tópico crucial na realização do presente trabalho.

Apesar da Primeira Infância ser o período mais receptivo para o desenvolvimento da linguagem, é no primeiro ano de vida que se inicia o preparo para assimilá-la, pois é quando o bebê inicia a pronúncia de sons e, possivelmente, algumas palavras. Na Primeira Infância, a assimilação da linguagem ocorre por meio da mudança nas formas de comunicação entre adulto e criança, pois agora a atividade objetal já foi assimilada por ela. Não bastam mais modelos mudos de regras de uso de objetos, a criança agora se interessa pela função objetal e procura a ajuda do adulto — sendo este o principal estímulo para o aprendizado da linguagem (MUKHINA, 1995).

Portanto, a qualidade do contato do adulto e da criança e o quanto é exigido dela é crucial neste momento. A criança que convive em um ambiente com poucos estímulos, que conta pouco com a presença do adulto e de suas mediações, apresenta um atraso sobressalente no desenvolvimento da linguagem. Também, quando o adulto satisfaz a criança ao menor sinal dela, a linguagem oral é posta em segundo plano. Já quando o adulto exige da criança palavras propriamente claras, acatando ao pedido desta maneira, os resultados são muito diferentes (e positivos).

Para Mukhina (1995), há duas maneiras de desenvolvimento da linguagem na Primeira Infância: quando a criança melhora sua capacidade de entendimento da linguagem dos adultos ao seu redor e quando desenvolve uma linguagem própria. Leva um tempo considerável para que a criança atribua as palavras a objetos que as representam. Inicialmente são compreendidas as situações gerais, então o indivíduo infantil responde ativamente a algumas ações diante da pronúncia de uma palavra do adulto, mas não o faça quando ouvir as mesmas palavras de outro. Este tópico será mais profundamente abordado no subcapítulo posterior (1.2) sobre Pensamento e Linguagem.

Ao adquirir a capacidade de escutar e compreender indicações fora da situação imediata em que se encontra, a criança tem em si mais uma grande conquista, pois é isso que “lhe permite utilizar a linguagem como meio principal para conhecer a realidade que não está diretamente ao seu alcance” (MUKHINA, 1995, p. 126). Aqui, também, conseguimos fazer um paralelo a educação escolar, pois o educador guia a criança a compreender uma situação que algumas vezes não é concreta e cotidiana, assunto abordado na Seção 3 deste trabalho.

Com isso, é possível perceber que o desenvolvimento da linguagem infantil ativa até por volta de um ano e meio é lento. Durante este primeiro ano e meio de vida, ela conhece de trinta a cem palavras e pouco faz uso destas. Então, geralmente passado este tempo, há uma mudança brusca, pois o interesse da criança pelo nome dos objetos e suas tentativas de chamá-los corretamente, aumenta - no final do segundo ano, o vocabulário se expande para cerca de 300 palavras e ao final do terceiro, 1.500 (MUKHINA, 1995, p. 126).

A criança, porém, tem uma linguagem diferente da utilizada pelo adulto e as palavras que conhece têm três fontes: a mãe ou cuidadora (que podem inventar palavras que supõem que as crianças entendam), as palavras corretas (alteradas pela própria criança) e as que surgem pela invenção da criança. Neste ponto, a mediação se faz de extrema importância, pois ao ter uma educação linguística enriquecedora, a linguagem inventada pela criança logo desaparece e sua pronúncia e ouvido fonemático (percepção da composição sonora das palavras e destaque dos diferentes sons numa mesma palavra e suas ordens) desenvolvem-se rapidamente (MUKHINA, 1995). Porém, se o estímulo e repetição da linguagem autônoma perdurarem, esta



progressão pode levar mais tempo para acontecer. Na Primeira Infância, também, inicia-se o processo de assimilação do sistema gramatical da língua materna.

Durante a Primeira Infância, segundo Mukhina (1995), o significado das palavras muda e isso é um indicativo forte de que o progresso mental da criança está acontecendo. Para a autora, “a linguagem tem enorme importância para o desenvolvimento dos distintos aspectos do psiquismo infantil. A linguagem converte-se paulatinamente na principal via de acesso à experiência social” (MUKHINA, 1995, p. 127).

Foi nítido perceber, em experiências pessoais e profissionais, como o desenvolvimento da linguagem desenvolve, também, o social da criança, pois ao conseguir comunicar vontades e desejos a outra criança, estas começam a brincar juntas e tentar uma comunicação “primitiva” entre elas.

Para Vygotsky, a capacidade humana de adquirir a linguagem permite que a criança também adquira instrumentos que auxiliem na solução de problemas. Os signos e as palavras são “[...] um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais” (VYGOTSKY, 1991, p. 23). Portanto, a linguagem vai expressar o pensamento da criança e também organizá-lo (REGO, 1994), como será aprofundado a seguir.

## **2.2 A relação entre Pensamento e Linguagem e o processo de internalização**

A formação e desenvolvimento da linguagem trata-se de um processo que não somente depende de maturação biológica, mas também provém do ambiente cultural em que a criança está inserida desde antes de seu nascimento e enquanto cresce.

Para enxergar efetivamente a relação entre desenvolvimento do pensamento e desenvolvimento social das crianças, é necessário entender que pensamento, palavra, comunicação e generalização estão concatenados de forma a garantir a função social detida pela linguagem. Desenvolvendo a linguagem oral, tendo os adultos como mediadores, a criança amplia seu vocabulário e adquire as regras sociais comunicativas. Por meio do amadurecimento biológico, mas, principalmente, das pelas mediações sociais, a palavra internalizada e generalizada passa a ter

significado e sentido, passando de apenas um som para uma forma intencional de comunicação.

Para Vygotsky (2001) há uma relação entre pensamento e linguagem:

A relação entre pensamento e linguagem modifica-se no processo de desenvolvimento tanto no sentido quantitativo quanto no qualitativo. Noutros termos, o desenvolvimento da linguagem e do pensamento realiza-se de forma não paralela e desigual. As curvas desse desenvolvimento convergem e divergem constantemente, cruzam-se, nivelam-se em determinados períodos [...] (VYGOTSKY, 2001, p. 111).

A evolução do pensamento e da linguagem se dá de forma filogenética e ontogenética. Eles têm gênese diferente na filogenética. Mas, ontogeneticamente, num momento do desenvolvimento humano se cruzam e se concatenam. Surgem, desta forma, o pensamento abstrato, a generalização do pensamento por intermédio da linguagem oral. A linguagem inicial da existência humana que era emocional, agora essa linguagem é comunicativa, dialógica. A linguagem exterioriza o próprio pensamento abstrato, se faz cognoscível e compreensível por intermédio da linguagem.

Na fase linguística o pensamento se exterioriza por intermédio dos conceitos. Os conceitos carregam os sentidos e significados dos objetos da cultura humana. Na fase da linguagem oral ou falada, a linguagem se torna intelectual, lógica, compreensível. Neste ponto a criança começa a comunicar-se, a exteriorizar o seu pensamento e apropriar-se da cultura humana. Isso é o que se chama generalização. Ou seja, na criança, o desenvolvimento da linguagem oral ou falada lhe dá um salto qualitativo e lhe humaniza porque deixa de ter um pensamento primitivo (choro, balbucio) e começa a desenvolver um pensamento mais complexo, com a apropriação dos sentidos e significados da cultura humana.

A criança cria uma necessidade existencial de comunicar-se, de expressar o seu pensamento, de conquistar a comunicação externa com os adultos e de apropriar-se dos sentidos e significados dos bens culturais existentes em cada cultura. Essa necessidade da comunicação acontece a cada instante: “a situação de linguagem falada cria a cada minuto a motivação de cada nova flexão da fala, da conversa, do diálogo” (VIGOTSKI, 2001, p. 315). O domínio da linguagem oral ou falada pela criança lhe proporciona a abertura ao diálogo, a expressar seus sentimentos, emoções, seu pensamento interior. Quando a criança começa a se comunicar por meio da linguagem oral, deixa de sofrer pelas incompreensões que sofre de parte dos

adultos. Daí a importância crucial para que as crianças sejam sempre estimuladas e que se lhes ofereçam atividades intencionais e motivadoras para formar e desenvolver a linguagem oral.

Em síntese, concordamos com a afirmação de Vygotsky, quando diz:

O pensamento verbal [...] é determinado por um processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais de pensamento e fala. [...]. Espera-se apenas que, neste nível, o desenvolvimento do comportamento seja regido essencialmente pelas leis gerais da evolução histórica da sociedade humana (VYGOTSKY, 2003a, p. 63).

Daí a importância da atividade intencional dos docentes na educação infantil para oferecer um ensino de qualidade às crianças e, desta maneira, as crianças possam desenvolver um pensamento complexo e uma linguagem oral ou falada mais intelectual.

Para Petrovski (1986)

El lenguaje es uno de los instrumentos psicológicos, junto con signos convencionales de diferente tipo, mapas, croquis, medios de numeración, etc. El lenguaje, así como todo instrumento psicológico [...] también cambia el aspecto de todo el transcurso y toda la estructura de las funciones psíquicas [...] como un instrumento técnico cambia el aspecto del proceso de adaptación natural y determina la forma de las operaciones laborales (PETROVSKI, 1986 p. 205-206)

Na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, a linguagem se caracteriza como um signo e tem o papel de desenvolver as funções psíquicas superiores. A linguagem modifica toda a estrutura psicológica fazendo que o ser humano consiga se apropriar das significações complexas, permitindo ao ser humano nomear o um objeto desta forma e não de outra forma como também não gerar confusão nas nomeações. A linguagem se caracteriza por generalizar o próprio pensamento em estruturas mais complexas, enriquecendo a própria linguagem, desta forma facilitando uma comunicação mais complexa entre os próprios seres humanos.

### **2.2.1 *Pensamento***

O pensamento é o elemento central de qualquer processo mental e diferencia homem e animal. No ser humano o pensamento tem claramente uma gênese histórica-social, e como tal, o pensamento é uma construção coletiva, histórico-

cultural. O pensamento humano não é inato, claro que precisa do funcionamento do cérebro, mas ele não é determinante para sua formação e desenvolvimento.

Petrovski (1986) indica o que seria o pensamento, desta forma:

El pensamiento es el producto superior de la materia específicamente organizada – del cerebro -, es el proceso activo de reflejo del mundo objetivo en conceptos, juicios, teorías, etc.

El pensamiento es el proceso psíquico socialmente condicionado de búsquedas y descubrimientos de los esencialmente nuevos y está indisolublemente ligado al lenguaje. El pensamiento surge del conocimiento sensorial sobre la base de la actividad práctica y lo excede ampliamente. (PETROVSKI, 1986, p.292)

Para ele o pensamento é um processo psíquico superior e como tal pertence só ao ser humano. Os processos psíquicos superiores são formados e desenvolvidos pela mediação da cultura humana. O ser humano precisa estar inserido e ser influenciado pela cultura humana para que possa desenvolver o seu pensamento. Como expressado, o pensamento surge na base da atividade prática. Sem a realização de uma atividade, o ser humano não conseguiria desenvolver seu pensamento porque a atividade prática exige que o ser humano desenvolva o seu raciocínio lógico. Mas, o ser humano não desenvolve seu pensamento só na base da atividade prática. Ele desenvolve-o exclusivamente pela abstração, por intermédio da apropriação dos conceitos. Nesse sentido que pensamento e linguagem se cruzam e se interligam. Pensamento e linguagem se concatenam quando o pensamento se exterioriza por intermédio da linguagem.

El pensamiento se refiere a aquellos procesos psíquicos de reflejo de la realidad objetiva, que constituyen el grado superior del conocimiento humano. El pensamiento hace posible el conocimiento de las propiedades, nexos y relaciones esenciales de la realidad objetiva: realiza en el proceso del conocimiento, el paso del fenómeno a la esencia". (LEONTIEV, 1975, p.77).

O pensamento humano é um processo. Isso significa que ele sempre está em construção. Daí que a característica principal do pensamento é mostrar a essência dos objetos, dos fenômenos e da própria natureza. Mas desvelar a essência dos objetos e sujeitos não acontece de forma lineal. O desvelamento acontece de forma dialética, sempre buscando compreender a complexidade da vida humana e suas relações, ou seja, buscar as generalizações.

Para Liublinskaia (1981), o pensamento, assim como a percepção e as sensações, é um processo psíquico. É por meio do pensamento que o homem vai adquirir o conhecimento dos objetos e suas características e funções atribuídas. No

processo de pensar, o homem faz relações entre o fundamental e essencial dos fenômenos apreendidos.

Pensamento e linguagem estão interligados. O pensamento conecta-se à linguagem e é externalizado por meio dela. Liublinskaia (1981), ao redigir sobre a psicologia infantil, indica que é impossível estudar o processo do pensamento na criança sem antes saber sobre o desenvolvimento da linguagem, pois a autora explica que a relação entre pensamento e linguagem “fue ya claramente expresado por C. Marx, que señaló que el lenguaje es la realidad directa del pensamiento” (LIUBLINSKAIA, 1981, p. 234).

Outra característica marcante do pensamento é que, no adulto, este já possui um caráter generalizado, por meio da linguagem. Por tal razão, o pensamento também é caracterizado por ter, o que a autora chama, de caráter de problema - ou seja, pela busca de relações nos fenômenos concretos do conhecimento.

Essa procura por respostas, normalmente, aparece como resposta a um sinal verbal, portanto, é na elaboração da pergunta que o pensamento é formado. Por isso, a pergunta é uma das maneiras de, na prática, indicar a interligação entre pensamento e linguagem. O pensamento vai ser, então, a solução para um problema previamente exposto por meio da pergunta; e a busca pela resposta guia o processo do pensamento de forma dirigida e organizada (LIUBLINSKAIA, 1981).

O processo do pensamento acontece em etapas: a primeira é a elaboração da pergunta que contém o problema; a segunda é a compreensão, que constitui na solução encontrada para o problema proposto, que estabelece o “nascimento” de uma nova associação e, conseqüentemente, de um novo pensamento (LIUBLINSKAIA, 1981). Realizado por meio da experiência acumulada, este processo se dá como sendo “[...] la operación con los conocimientos” (LIUBLINSKAIA, 1981, p. 237).

Ao dominar o andar ereto e a linguagem, um grande marco no desenvolvimento cognitivo da criança é atingido. Com o andar ereto, como exposto na subseção anterior (1.1), a criança consegue melhor manipular e buscar os objetos do ambiente ao seu redor. Quando assimila as ações e as vê como um meio de solucionar problemas e tarefas, a criança desenvolve gradativamente o processo de pensamento.

É após a introdução da linguagem e da aquisição da palavra que vai designar ações que o processo de pensamento da criança começa a mudar e progredir

gradativamente. Com o domínio da linguagem, o pensamento verbal começa a desenvolver-se rapidamente. Mesmo antes do aparecimento do raciocínio lógico, a criança bem pequena consegue generalizar os objetos que lhe foram expostos de maneira sensorial. O nível dessas generalizações do pensamento, para Liublinskaia (1981) vão depender da riqueza da experiência da criança, ou seja, de estímulos do ambiente mediados pelo adulto. Segundo a autora, o nível de generalização da criança apresentará determinadas diferenças, a depender dos estímulos, dos dois anos até parte dos três anos de idade.

O pensamento verbal vai mostrar-se, nas crianças de 0 a 2 ou 3 anos, não só nas operações de comparação, por exemplo, mas também em julgamentos e conclusões considerados primitivos, para Liublinskaia (1981). Porém, por terem uma forma singular de serem apresentados, é difícil diferenciar esses juízos e conclusões, como atividade de pensamento da criança, da reprodução.

A Educação Infantil, neste sentido, mostra-se de grande importância no desenvolvimento do pensamento, pois a assimilação das operações de comparação (LIUBLINSKAIA, 1981) pode ser estimulada com jogos lúdicos. Em seção posterior, serão apresentados pontos importantes sobre o papel do professor de Educação Infantil e relatos de vivências pessoais sobre como a prática educativa e o ambiente escolar influenciam o desenvolvimento da linguagem nas crianças de 0 a 2 anos.

### **2.2.2 Linguagem**

A linguagem é um meio de comunicação social, ou seja, sua função é comunicativa (VYGOTSKY, 2001 p.11). A linguagem humana se forma e se desenvolve nessas mediações que acontecem dentro de cada cultura. É através do processo de internalização de signos externos, que é a “reconstrução interna de uma operação externa” (VYGOTSKY, 2001, p. 40), que os níveis mais superiores do desenvolvimento, do pensamento e da fala convergem. Tal fato diferencia o ser humano dos animais, pois o pensamento do ser humano generaliza a realidade em que ele vive.

Vygotsky aponta que a interligação entre pensamento e fala passa por muitas mudanças durante a vida do indivíduo, mas, quando pensamento e linguagem se

encontram, surgem o desenvolvimento das funções psíquicas superiores do ser humano, tais como: pensamento, raciocínio lógico, linguagem, imaginação, percepção, etc. Conforme convive com pessoas adultas que fazem parte de seu meio cultural, a criança desenvolve a linguagem para comunicar-se com o outro e para pensar (REGO, 1994).

Antes de uma análise mais aprofundada sobre o desenvolvimento da linguagem na criança de 0 a 2 anos, é preciso diferenciar dois conceitos que são próximos e até mesmo popularmente confundidos entre si: Língua e Linguagem.

A Língua é um fenômeno social que os homens primitivos criaram devido a necessidade de comunicação entre si, necessidade essa que surgiu com a união dos mesmos para uma atividade laboral comum, fazendo com que a Língua se desenvolvesse par a par com a sociedade. O desenvolvimento do pensamento do homem possibilitou as mudanças na língua falada e criou estruturas linguísticas mais complexas, como as frases e orações (LIUBLINSKAIA, 1981).

Já a Linguagem é o meio de comunicação humana, de externalização de ideias e pensamentos e de compreensão destes através da expressão da linguagem do outro. A criança, ao nascer, encontra a língua formada, mas não são apenas palavras que ela vai assimilando no processo de aquisição da linguagem (LIUBLINSKAIA, 1981), como também o significado destas para a cultura em que está inserida. A linguagem é uma “forma indirecta de conocimiento de la realidad, constituye el reflejo de esta realidad por medio de la lengua natal” (LIUBLINSKAIA, 1981, p. 275). Nas palavras da autora, a Língua é considerada geral, enquanto a Linguagem é a expressão individual desta Língua.

Dessa forma, o desenvolvimento da Linguagem na criança acontece de várias maneiras, mediado por um adulto ou pessoa mais velha, seja em casa com os pais ou com os professores na escola, e em cada período de sua infância.

No início da vida, nos primeiros meses após o nascimento, o bebê começa a perceber as palavras comuns que são pronunciadas pelos adultos em momentos rotineiros do dia-a-dia. Após os seis meses, o bebê começa gradualmente a não precisar de uma ação padronizada para reconhecer algumas palavras, mas reage principalmente à entonação usada pelo adulto ou sua expressão facial do que a palavra propriamente dita. Ao final do primeiro ano, a criança bem pequena começa

aos poucos a reagir a palavra que já reconhece sem depender de outros fatores senão ela própria (LIUBLINSKAIA, 1981).

É por meio das experiências e estimulações constantes pelo contato de objetos semelhantes que a assimilação da palavra pela criança acontece em sua forma generalizada, por isso, no segundo e terceiro anos após o nascimento que há um brusco desenvolvimento na linguagem infantil, principalmente pelo fato de ter desenvolvido o andar ereto (como explicado nas subseções anteriores). Por ter mais liberdade de movimento, a criança bem pequena conhece e manipula muitos objetos que antes não eram alcançados por ela e começa a relacionar-se de forma diferente com os que a cercam (LIUBLINSKAIA, 1981). A comunicação, neste ponto da vida da criança, é mais diversificada, pois os adultos começam a ensiná-la algumas tarefas.

A natureza generalizadora da palavra cria reações até mesmo corporais nas crianças bem pequenas, quando já apresentadas anteriormente. Liublinskaia (1981, p. 280) exemplifica que

Al oír la señal prohibitiva “no se puede”, el niño ya en el segundo año de vida, reacciona con la inhibición de sus movimientos, hasta en situaciones totalmente nuevas para él, siempre y cuando esta reacción haya sido creada con anterioridad.

Em crianças pequenas, a simples pronúncia da palavra “não” pode impedi-la de realizar uma atividade que já estava a fazer, pela entonação de voz do adulto ou reforço negativo que indica a pronúncia daquela palavra.

Quando pensamento e linguagem se cruzam, o pensamento se torna verbal e a fala racional (REGO, 1994, p. 65). Isto significa que, por meio da linguagem, o pensamento do ser humano se exterioriza, fazendo com que o pensamento seja cognoscível, pois a fala racional é a expressão sonora do pensamento humano.

A linguagem falada, porém, não se desenvolve em paralelo à linguagem compreensível pelo bebê ou pela criança bem pequena. Para que a linguagem falada chegue a seu domínio, é necessário, também, formação audiomotora, que começam a surgir nos primeiros seis meses do bebê, quando este começa a produzir alguns sons, que depois se transformarão na imitação da linguagem ouvida por ele. Entre 7 e 10 meses, o bebê pronuncia sílabas das palavras que ouve com maior frequência, e no final do primeiro ano de vida, repete as sílabas como foram-lhe pedidas. Após, o desenvolvimento da linguagem da criança se dá pela audição e imitação das palavras vindas do adulto (LIUBLINSKAIA, 1981).



Contudo, não só da pronúncia correta das palavras que se resume o domínio da linguagem, também é preciso relacionar a palavra ao objeto que esta representa, e isto se dá, mais uma vez, através da interação com o adulto. Por meio da interação com o meio e da mediação do adulto, o vocabulário da criança se expande rapidamente, principalmente depois de 1 ano e seis meses de idade. Essa interação com o adulto possibilita que a criança adquira o conhecimento gramatical muito antes de estudá-lo formalmente na escola ao repetir as falas do adulto enquanto, analogamente, reproduz as ações com objetos distintos (LIUBLINSKAIA, 1981).

A assimilação da linguagem pela criança, entre 1 ano e seis meses e 3 anos, traz grandes e importantes mudanças na relação dela com o mundo que a cerca, as pessoas a seu redor e até consigo mesma (LIUBLINSKAIA, 1981, p. 286). É por meio das palavras que o adulto ensina as crianças sobre as regras que a circundam através de reforço constante. Também pelas palavras a criança conhece a si mesma e a assimilação das palavras guia a criança ao autoconhecimento. Como exemplifica Liublinskaia (1981, p. 288), no final de seu segundo ano, a criança fala sobre ela mesma na terceira pessoa, e, após conhecer a si mesmo, consegue referir-se a si na primeira pessoa, como sujeito que atua sobre objetos. Isso é importante para desenvolver o autocontrole e autoavaliação.

Pela assimilação da linguagem, a atividade da criança se adapta. Ao invés de apenas ações desordenadas por meio de modelagem, a criança começa a assimilar o jogo e o pensamento prático de forma simplificada. Além disso, a assimilação auxilia no contato com outras crianças e no domínio de atividades como cantar, jogar jogos lúdicos, entre outras.

Assimilando a linguagem, a relação da criança com o adulto muda, assim como a relação com o mundo. Esta relação satisfatória com o adulto vai pouco a pouco transformando-se numa necessidade fundamental de relacionar-se com outras pessoas (LIUBLINSKAIA, 1981) de fora de seu convívio familiar, pois o ser humano é, em si, um ser social.

### 2.2.3 Processo de internalização

O desenvolvimento do pensamento do ser humano se caracteriza por fazer com que o mundo real e concreto seja conhecido, compreendido e transmitido dentro do contexto específico da cultura humana.

Mediante esse processo de internalização o ser humano chega a entender a essência do mundo material, consegue entender e generalizar o significado conceitual dos fenômenos materiais e sociais. Para a criança que já está desenvolvendo um pensamento conceitual, por exemplo, não irá chamar “cavalo” ao cabo de uma vassoura. Se ela consegue internalizar esse fenômeno, só chamará "cavalo" ao próprio animal que tem suas características conceituais de cavalo. Isso a criança consegue porque consegue internalizar a essência dos objetos, não pelas suas características superficiais, senão pela sua própria essência.

Para Vygotski (1979),

Llamamos internalización a la reconstrucción interna de una operación externa. Un buen ejemplo de este proceso podríamos hallarlo en el desarrollo del gesto de señalar. Al principio, este ademán no es más que un intento fallido de alcanzar algo, un movimiento dirigido hacia cierto objeto que designa la actividad futura. El niño intenta alcanzar un objeto situado fuera de su alcance; sus manos tendidas hacia ese objeto, permanecen suspendidas en el aire. Sus dedos se mueven como si quisieran agarrar algo. En este estadio inicial, el acto de señalar está representado por los movimientos del pequeño, que parece estar señalando un objeto y nada más.

Cuando acude la madre en ayuda del pequeño y se da cuenta de que su movimiento está indicando algo, la situación cambia radicalmente. El hecho de señalar se convierte en un gesto para los demás. El fracasado intento del niño engendra una reacción, no del objeto que desea, sino de otra persona.

Por consiguiente, el significado primario de este fracasado movimiento de apoderarse de algo queda establecido por los demás. Únicamente más tarde, cuando el niño es capaz de relacionar su fallido movimiento de agarrar con la situación objetiva como un todo, comienza a interpretar dicho movimiento como acto de señalar. En esta coyuntura, se produce un cambio de esta función del movimiento: de un movimiento orientado hacia un objeto se convierte en un movimiento dirigido a otra persona, en un medio de establecer relaciones. El movimiento de asir se transforma en el acto de señalar. (VYGOTSKI, 1979, p. 92-93)

Internalizar é a relação direta que existe entre a realidade objetiva e a realidade subjetiva do ser humano. Ou seja, se fala de internalização quando o ser humano se apropria da própria essência dessa realidade objetiva e ela é compreendida internamente, no próprio pensamento humano, tal qual como esse fenômeno objetivo e concreto está na realidade. A internalização dessa realidade objetiva faz que o pensamento humano adquira um processo qualitativo.

Na criança este processo de internalização faz com que seu pensamento seja verbal e a sua linguagem conceitual. Desta forma, a criança é compreendida na sua relação com os outros, com os adultos e com as outras crianças. A comunicação dela se mostra fundamental para criar espaços de compreensão e de aquisição da essência da realidade concreta e real. Diríamos que isto é o objetivo de um ensino de qualidade de uma educação que apresente atividades intencionais e de qualidade para desenvolver e formar o humano no próprio ser humano.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica com estratégia de investigação analítica-qualitativa, com o levantamento de publicações sobre o assunto, levando como base obras em livros e artigos, e analisando-as segundo o tema proposto.

A investigação qualitativa tem sido particularmente útil na pesquisa em educação (BOGDAN; BIKLEN, 1994), pois a finalidade desse tipo de pesquisa é “a capacidade de ‘gerar teoria, descrição ou compreensão’[...]” (ZANETTE, 2017 apud BOGDAN; BIKLEN, 1997) buscando-se compreender o processo, mais do que apenas os resultados, não podendo limitar-se a valores numéricos. Por esse motivo, “na investigação qualitativa em educação, o investigador comporta-se mais de acordo com o viajante que não planeja do que com aquele que o faz meticulosamente” (ZANETTE, 2017 apud BOGDAN; BIKLEN, 1997, p. 83).

Além do mais,

[...] na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc. (GOLDENBERG, 2004, p. 14).

A pesquisa bibliográfica, em si, é constituída exclusivamente a partir de fontes bibliográficas já publicadas, podendo ser usada de maneira a aprofundar conhecimento sobre ideologias ou analisar de diversas posições um determinado problema (GIL, 2002). Este tipo de pesquisa traz a vantagem de permitir que o pesquisador analise inúmeros eventos mais a fundo e simultaneamente.

Levando em conta o que dispõe Gil (2002, p. 59-60),

[...] a pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser entendida como um processo que envolve as etapas: a) escolha do tema; b) levantamento bibliográfico preliminar; c) formulação do problema; d) elaboração do plano provisório de assunto; e) busca das fontes; f) leitura do material; g) fichamento; h) organização lógica do assunto; e i) redação do texto.

Seguindo as etapas abordadas acima, no presente trabalho foram analisadas e discutidas proposições acerca dos eixos norteadores: desenvolvimento da linguagem infantil, a relação entre pensamento e linguagem, o processo de internalização, a maturação biológica, como se dá a inserção cultural do indivíduo e a interferência do ambiente no desenvolvimento linguístico.

Com o fechamento da biblioteca da UNESP (campus Rio Claro) em março de 2019, devido a pandemia da Covid-19, a pesquisa foi realizada de forma virtual. As dificuldades de realizar uma pesquisa deste porte de forma inteiramente online não foram poucas, pois, muitas vezes, o material encontrado na internet não possui fontes completas ou não são disponibilizados de forma gratuita como na biblioteca física da Universidade. O afinamento dos livros e artigos foram feitos de forma minuciosa a fim de evitar qualquer equívoco na seleção de fontes. Por isso, para realização do levantamento da produção acadêmica, foi utilizada a busca em plataformas de artigos científicos (como SciELO), através dos descritores: linguagem infantil, crianças de 0 a 2 anos, cultura e experiências culturais iniciais.

Segundo Salvador (1986 apud GONZÁLEZ, 2016), é necessário usar uma sequência de procedimentos para que não ocorra uma dispersão epistemológica. Estas etapas dependem da etapa anterior a elas e completam-se na seguinte. São:

a) Etapa da elaboração do projeto de pesquisa: o tema que foi escolhido para ser analisado foi o desenvolvimento da linguagem pela mediação das experiências culturais iniciais em crianças de 0 a 2 anos. O problema proposto para discussão foi: como as experiências culturais iniciais da vida de uma criança influenciam no desenvolvimento da linguagem dela?

Já o objetivo geral proposto constituiu-se por ser analisar a influência das experiências culturais iniciais da vida de crianças de 0 a 2 anos no desenvolvimento da linguagem, a partir da produção acadêmica sobre a temática apresentada.

b) Etapa da investigação das soluções: coleta de referências bibliográficas. Devido ao fechamento da Biblioteca da UNESP (Campus Rio Claro) pela pandemia de covid-19, o levantamento das referências bibliográficas foi feito de forma virtual, usando plataformas de artigos científicos (como SciELO) e livros em formato digital.

c) Etapa da análise explicativa das soluções: com o levantamento das informações presentes nas referências bibliográficas, foi feita a exposição e análise crítica e conceitual da teoria que embasou a discussão teórica.

d) Etapa da síntese integradora: produto final que mostrou a argumentação sobre o material selecionado, bem como análise e reflexão sobre o problema proposto ainda no projeto de pesquisa.

Para o levantamento da produção acadêmica, foi realizada a leitura e análise crítica reflexiva dos textos. Para Gil (2002, p. 77), a leitura na pesquisa bibliográfica deve buscar atingir os objetivos:

- a) identificar as informações e os dados constantes do material impresso; b) estabelecer relações entre as informações e os dados obtidos com o problema proposto; c) analisar a consistência das informações e dados apresentados pelos autores.

Com a leitura analítica dos textos selecionados a partir das leituras exploratória (verificar se a obra consultada interessa de fato à pesquisa) e seletiva (seleção do material que de fato interessa à pesquisa), as informações obtidas puderam ser ordenadas e sumarizadas, de forma que auxiliassem na obtenção de respostas ao problema de pesquisa proposto inicialmente.

Na leitura analítica, de natureza crítica, o autor deve dotar-se de atitudes de objetividade, imparcialidade e respeito. Foram, neste estudo, adaptados os passos fundamentais da leitura analítica: leitura integral da obra ou do texto que foi selecionado, identificação das ideias principais (ou ideias-chaves), hierarquização das ideias (organização destas de acordo com sua ordem de importância) e sintetização das ideias, ponto fundamental da pesquisa bibliográfica, que consiste em fixar-se nos dados essenciais para solucionar o problema proposto (GIL, 2002).

Por fim, seguindo para a leitura interpretativa, foi possível relacionar os propostos dos autores com o problema exposto no início da pesquisa, conferindo significado amplo aos resultados da leitura analítica. A interpretação foi realizada a partir “dos dados com conhecimentos significativos, originados de pesquisas empíricas ou de teorias comprovadas” (GIL, 2002, p. 79-80).

Assim, após as leituras, com o fichamento do material bibliográfico recolhido foi possível: “a) identificar as obras; b) conhecer seu conteúdo; c) fazer citações; d) analisar o material; e) elaborar críticas” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 50), proporcionando um afinamento dos textos que foram selecionados para serem base da redação da pesquisa.

Desta forma, concretizando as exposições que demonstraram a influência das experiências culturais iniciais da vida de uma criança de 0 a 2 anos no desenvolvimento da linguagem, bem como que contribuem para mudanças benéficas da prática pedagógica na Educação Infantil, foram realizadas análises teóricas do desenvolvimento da criança de 0 a 2 anos, como também dos textos de Vygotsky e

outros autores da Teoria Histórico-Cultural, tendo grande influência das autoras Valéria Mukhina e Anna Liublinskaia.

Ao final da pesquisa, ainda nos encontramos na pandemia de Covid-19, o que implica na não reabertura, até segunda ordem, da biblioteca da UNESP (campus Rio Claro), impedindo a realização, por medidas de segurança, do uso de materiais físicos disponibilizados pela Universidade.

## 4 A INSERÇÃO CULTURAL DO INDIVÍDUO, A INTERFERÊNCIA DO MEIO E OS ESTÍMULOS NECESSÁRIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NA CRIANÇA DE 0 A 2 ANOS.

### 4.1 A inserção cultural do ser humano e a interferência do ambiente no desenvolvimento da linguagem humana

*"It takes a whole village to raise a child" <sup>1</sup>(African Proverb).*

Trazido ao contexto moderno, o provérbio exposto pode significar que é preciso uma comunidade inteira, com seus costumes e cultura, com adultos que façam as mediações iniciais da criança com as experiências culturais, para que esta tenha seu desenvolvimento pleno em um ambiente seguro e propício para seu crescimento social.

Inicialmente mediada pelos adultos, a relação da criança com o mundo e com os objetos, assim como seu comportamento, acontece por influência da cultura em que está inserida. É, também, através dos adultos e de crianças mais velhas que o sujeito inicia a formação de seus processos psicológicos mais complexos. Essas mediações são de extrema importância, pois,

[...] por intermédio dessas mediações, os membros imaturos da espécie humana vão pouco a pouco se apropriando dos modos de funcionamento psicológico, do comportamento e da cultura, enfim, do patrimônio da história da humanidade e de seu grupo cultural. Quando internalizados, estes processos começam a ocorrer sem a intermediação de outras pessoas (REGO, 1994, p. 61).

Assim, para começarem a constituir o “eu”, as crianças nascem culturalmente através da aptidão biológica inata e interação com o outro (MEC, 2016 apud VYGOTSKY, 1989).

Para Vygotsky, “a cultura é um produto da vida social e, ao mesmo tempo, da atividade social do homem” (MARTINS; RABATINI, 2011, p. 348). A partir do momento em que nasce, o bebê começa a fazer parte da cultura, se modificar por ela e modificá-la por si mesmo. Apesar de serem inseridas na cultura local desde o nascimento, é por intermédio do adulto que essa inserção se aprofunda.

A qualidade dessa inserção cultural e dos estímulos ao desenvolvimento infantil dependem dos adultos que fazem o ambiente que cerca. Desvios na aquisição do sistema da linguagem humana ou um ambiente desprovido de estímulos, no início do

---

<sup>1</sup>“É preciso uma vila inteira para criar uma criança”, em tradução livre da Língua Inglesa.



desenvolvimento, podem impedir que a criança alcance seu potencial pleno. As mediações do adulto entre criança e meio, neste sentido, são essenciais, pois provocam transformações, conseqüentemente promovendo o desenvolvimento.

A figura materna tem papel importante no desenvolvimento infantil, principalmente no que diz respeito à linguagem, porém o papel materno pode ser desempenhado por outro adulto ou cuidador<sup>2</sup>, que não necessariamente a mãe (TEIXEIRA; DICKEL, 2013), como ocorre em casos em que, por exemplo, a criança frequenta a creche ou escola de Educação Infantil desde os primeiros meses de vida.

Ao ser inserida, de maneira espontânea e depois intencional, a cultura de seu povo, a criança entra em contato com a linguagem oral, escrita e gestual desenvolvida por aqueles que vieram antes dela. Para González (2016, p. 74),

[...] a linguagem humana como instrumento comunica ideias, emoções, desejos, formas conceituais, sistemas de símbolos produzidos pelo próprio ser humano como forma de comunicar algo a alguém e como forma de dominar sua própria conduta.

É por meio da linguagem que a criança começa, desde os primeiros dias de vida, a ser guiada conforme as regras de conduta por meio das quais é regida a sociedade em que se insere. A partir da linguagem o pensamento vai desenvolvendo-se e, depois, externalizando-se, pois a linguagem é a expressão do pensamento em forma comunicativa.

Ao sair das regras expostas, é comum que se use a palavra “não” a fim de evitar acidentes ou repreender a criança pequena, principalmente após o início do andar ereto, grande marco do desenvolvimento que permite que a criança explore com mais facilidade o mundo ao seu redor. A palavra expressa de forma oral, a entonação da voz e os gestos que a acompanham (um dedo apontado, mãos na cintura, sobranceiras franzidas, por exemplo) começam a criar reações corporais e emocionais na criança e pouco a pouco moldar suas condutas pessoais e de vida em sociedade.

É por meio da consciência que essa assimilação e apropriação ao mundo social acontece. Entretanto, a consciência não comunica o que foi assimilado. É por meio da linguagem (oral, escrita, particulares do corpo, como gestos) que o que foi formulado pela consciência se exterioriza (GONZÁLEZ, 2016).

---

<sup>2</sup>Por cuidador, entende-se aqui como sendo qualquer pessoa externa a mãe, que desempenhe um papel de cuidado para com a criança, como professores de creche e educação infantil, avós, tios, babás, entre outros.

Além da função comunicativa, a linguagem também desenvolve o pensamento humano para operar com conceitos e agir sobre a realidade, portanto “o surgimento da consciência humana se deve ao desempenho da linguagem” (GONZÁLEZ, 2016).

Assim, após assimilar o uso da palavra “não” em vários cenários ao ser repreendida, no decorrer do primeiro ano e meio de vida, a criança passa a externalizá-la em situações específicas por meio da imitação do adulto, de sua entonação e gestos também. Ao ser instruída pelas professoras inúmeras vezes para não retirar o brinquedo da mão do colega de sala (na escola de Educação Infantil), a criança começa gradualmente a expressar seu descontentamento através de um sonoro “não!” quando o outro tenta tirar o brinquedo de sua mão. Neste cenário, a imitação é “uma oportunidade de a criança realizar ações que estão além de suas próprias capacidades, que contribui para seu desenvolvimento” (SCHUSTER, 2016, p. 9).

É também com a linguagem que o ser humano desenvolve e modifica seu pensamento, construindo “uma realidade histórica e social chamada cultura” (GONZÁLEZ, 2016, p. 72). O pensamento, por sua vez, permite que o indivíduo comece a controlar seu comportamento quando inserido em determinado grupo e contexto.

Ao expressar seu pensamento por meio da linguagem, o ser humano comunica-se. Apesar de ter origem independente da linguagem, quando esta surge, o pensamento da criança bem pequena começa a organizar-se e estruturar-se de maneira cada vez mais complexa (GONZÁLEZ, 2016). A linguagem oral, gestual ou escrita são exteriorizações do pensamento, pois,

[...] a linguagem é um método exclusivamente humano, e não instintivo, que se desenvolve no seu processo de evolução histórico e por mediação da própria cultura, que tem sua origem no trabalho humano que ele realiza. (GONZÁLEZ, 2016, p. 74).

A linguagem é uma das primeiras formas de socialização da criança e é a partir dela que, mesmo antes de começar a falar, os pequenos conhecem costumes, valores, crenças e regras de sua cultura (TEIXEIRA; DICKEL, 2013).

Quando nasce, o bebê inicia seu contato com a cultura e a linguagem local. Para expressar desconfortos, recorre ao instinto inato do choro e grunhidos. Ao ser estimulado em um ambiente saudável, apropria-se e assimila a linguagem da cultura em que foi inserido em situações mediadas pelos adultos. Após o primeiro ano de

vida, o pensamento do bebê, que passa a ser uma criança pequena, pouco a pouco organiza-se, e ela começa a expressar-se por meio de palavras de seu cotidiano.

Uma criança, ao ser separada da mãe nos primeiros dias de aula, com um ano e 7 meses de idade, entende que através do choro será conduzida à sua mãe, que fica esperando fora da sala de aula. Quando o choro já não é mais suficiente para que a levem para fora e as professoras indicam que a mãe o aguarda lá fora no final do dia, a criança passa a repetir incansavelmente “lá fora, lá fora!” para comunicar aos outros seu desejo. Assim exemplifica-se uma das características fundamentais da linguagem (seja ela escrita, oral ou gestual): a comunicação, o fazer-se ser compreendido por outro sujeito.

Esta comunicação, o fazer do pensamento algo cognoscível, compreensível, é o que faz o ser humano, literalmente, ser humano e diferenciar-se dos outros animais.

Sendo a consciência um produto social (GONZÁLEZ, 2016), o autodomínio do comportamento demonstra a transição da “ação de base biológica para à ação de base social” (MARTINS; RABATINI, 2011, p. 353) e, para Vygotsky, quando a criança passa a realizar uma ação sem ser de base biológica, mas sim por estímulos que auxiliem em suas buscas por satisfação, esses estímulos “se incorporam ao seu processo de comportamento, adquirindo a função de signo” (MARTINS; RABATINI, 2011, p. 353).

A luz do exposto, a mesma criança dos exemplos anteriores ao uso do “não”, ao ser exposta a diferentes mediações entre criança, adulto e ambiente, e apropriando-se da linguagem utilizada nesses casos, passa por diversas transições. No início, chorava ao retirarem o brinquedo de sua mão. Ao ser repreendida por fazer o mesmo, quando retiraram novamente o brinquedo de sua mão, com um ano e seis meses, expressou-se em tom de voz incisivo: “não!”. Aos dois anos e 3 meses, passa a usar a fala da professora para repreender o colega que pegou o brinquedo que lhe pertencia, dizendo “não, Mariana, é do Lucas!” (nomes fictícios).

Ao expressar seus pensamentos por meio da linguagem, chega-se a um marco referencial do desenvolvimento cultural da criança (VYGOTSKY, 1995 apud MARTINS; RABATINI, 2011), pois isto “representa a formação de uma das funções mais importantes do comportamento cultural” (MARTINS; RABATINI, 2011, p. 353).

A interferência do ambiente no desenvolvimento da linguagem humana pode ocorrer de maneira positiva ou negativa, a depender dos estímulos mediados pelo

adulto desde os primeiros meses de vida do bebê. Com o crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho e a entrada cada vez mais cedo das crianças em escolas de Educação Infantil ou creches, o papel de estimular o desenvolvimento da criança de 0 a 2 anos deixou de ter seu centro focado totalmente no seio familiar e passou a dividir o papel com as escolas, cuidadores e professores de Educação Infantil, como abordado na subseção posterior.

## **4.2 Os estímulos ao desenvolvimento da linguagem na criança de 0 a 2 anos**

### **4.2.1 *É impossível comunicar-se com bebês?***

*“I’m trying’, he said, using an idiom his son will never understand because it’s impossible to communicate with babies”<sup>3</sup> (YOU, 2021, cap. 2)*

É um senso comum no meio de inúmeros sentidos comuns que bebês não compreendem a linguagem a que são expostos e que, como exposto no excerto acima, é impossível comunicar-se com eles ou fazer-se entender por eles.

Ao nascerem, os bebês são totalmente dependentes de outro ser humano para sobreviver: seja para se alimentar, mover-se entre ambientes ou estarem em condições básicas de higiene.

Se a linguagem é considerada “a primeira forma de socialização da criança” (TEIXEIRA; DICKEL, 2013, p. 53), é também por meio dela que o bebê consegue acalmar-se com o olhar e os gestos da mãe ou cuidador que atendem suas necessidades, dando a ele a oportunidade de significar ações, o que auxilia na apropriação da linguagem muito antes de começar a falar (TEIXEIRA; DICKEL, 2013).

Quando o bebê chora, a mãe ou cuidador usa de diferentes linguagens para acalmá-lo, seja por meio de falas, gestos ou cantando uma canção. É, também, a partir da mediação do adulto que o bebê começa a relacionar-se com a cultura que o envolve. Se a principal função da linguagem é a comunicação, e se esta é assimilada

---

<sup>3</sup>“Estou tentando, disse ele, usando um idioma que seu filho nunca vai entender porque é impossível se comunicar com bebês”, em tradução livre da Língua Inglesa.

pela inserção cultural e interações com o meio, ao apresentar a linguagem e a cultura de seu povo para o bebê, comunica-se com ele, mesmo que de forma indireta.

Assim, uma correção ao exposto acima é necessária: É impossível **não** comunicar-se com bebês.

#### **4.2.2 O papel da educação e do educador**

Dando ênfase na dimensão social e sua influência no desenvolvimento infantil, Vygotsky dispõe que o aprendizado é um aspecto de importância fundamental no desenvolvimento das funções psicológicas superiores (REGO, 1994). Com isso, o desenvolvimento do ser humano depende diretamente do aprendizado que adquire por meio da mediação com o outro. É o aprendizado, portanto, que vai possibilitar a ocorrência do processo de desenvolvimento.

Nos estudos de Vygotsky encontra-se a identificação de dois níveis de desenvolvimento: o nível de desenvolvimento real (referente àquelas conquistas que a criança já realizou, aprendeu, e consegue realizar sozinha, indicando quais processos mentais já foram estabelecidos por ela); e, o nível de desenvolvimento potencial (referente ao que a criança é capaz de fazer, mas contando com a ajuda de outra pessoa mais experiente).

A distância entre os dois níveis é chamada de “zona de desenvolvimento potencial ou proximal”, que são as funções que encontram-se em processo de maturação e irão amadurecer progressivamente (REGO, 1994). O responsável por criar a zona de desenvolvimento proximal é a atividade intencional realizada na escola pela mediação do professor, pois na medida em que interage com outras pessoas, a criança é estimulada nos seus processos de desenvolvimento mais complexos, internalizando-os.

Para o plano educacional, a zona de desenvolvimento proximal é de grande importância, porque permite compreender como encontra-se o desenvolvimento interno individual de cada criança (REGO, 1994).

O aprendizado escolar, inclusive, possibilita o estímulo dos processos de desenvolvimento superiores, pois na creche e nas escolas de Educação Infantil, as crianças terão contato com a linguagem e irão interagir não só com adultos, mas também com outros indivíduos passando pelo mesmo processo de maturação

biológica e inserção cultural. Tratando-se de uma ligação entre a família e a sociedade, a escola traz as primeiras experiências sociais dos bebês ou crianças pequenas, e é, também, através do propósito das educadoras que as crianças terão experiências positivas (ou não) para seus desenvolvimentos (PAIM; SANTOS; KRÁS, 2012).

Para Vygotsky, o desenvolvimento psíquico depende da educação, mesmo o conteúdo desta sendo “historicamente variável”, portanto, em Vygotsky temos que “o ato de ensinar é condição para a promoção do desenvolvimento humano” (MARTINS; RABATINI, 2011, p. 354) e também que

[...] as funções psíquicas superiores se estruturam nas relações entre os seres humanos e, para Vigotski, o individual não deixa de ser o social internalizado. O desenvolvimento do indivíduo ocorre no processo de apropriação do patrimônio humano genérico, na dinâmica que entrelaça os planos inter e intrapsíquicos. Apenas tornando social a conduta natural da criança ela conquistará o autodomínio de seu comportamento, desenvolvendo as propriedades volitivas de sua personalidade (MARTINS; RABATINI, 2011, p. 353).

Para a educação atingir seu propósito, é necessário que o professor antecipe o nível de desenvolvimento real dos alunos e use-o como ponto de partida para propor situações que auxiliem na transmissão de conhecimentos que estes ainda não assimilaram. A interação social pode ser amplamente usada nas situações de aprendizagem escolar e a interação entre professor e aluno compreende-se como aquela com finalidade de ensino e aprendizagem (SCHUSTER, 2016).

O papel do professor diante do desenvolvimento do aluno é o de interferir na zona de desenvolvimento proximal das crianças, promovendo um desenvolvimento que não ocorreria espontaneamente sem ajuda de terceiros (SCHUSTER, 2016). E como o professor pode começar essa interferência de forma espontânea? Sendo ele o próprio modelo. Ao imitar o professor, a criança passa a realizar ações que ainda se encontravam além de suas capacidades. Para Schuster (2016, p. 9), “a imitação é uma oportunidade de a criança realizar ações que estão além de suas próprias capacidades, que contribui para seu desenvolvimento”. Por exemplo, uma criança de dois anos e meio observava que, toda vez que os amigos tiravam o sapato, a professora os recolhia e colocava dentro de um espaço apropriado, usando apenas os dedos indicadores e polegar para pegar os pares, dizendo “vamos colocar os sapatos no tanque, assim ninguém tropeça e ninguém se machuca”. Após alguns dias observando a mesma ação, a criança, ao ajudar o colega a tirar os sapatos, recolhe o

par do chão segurando-os com o polegar e os indicadores repetindo “colocar no tanque, tropeça, machuca”. Mais adiante, a professora percebeu que a criança começou a fazer o mesmo com outros objetos e, inclusive, com o giz jumbo que usavam para desenhar nos painéis.

Uma ação corriqueira, modelada pela professora, ao ensinar onde deveriam ser realocados os sapatos para deixar a sala de aula livre de obstáculos, e imitada pela criança, contribuíram para o desenvolvimento desta. Podemos perceber, então, que

[...] uma importante função mediadora que a professora exerce, de acordo com Ribeiro (2007), é trabalhar com o ambiente e a experiência das crianças, conseguir que as crianças cheguem a um desenvolvimento como um todo: físico, emocional, cognitivo, psicomotor através da mediação do ambiente, dispondo elementos e atividades. Esse ambiente deve ser criado com intuito de gerar aprendizagem nas crianças, já as atividades precisam partir da realidade delas e de uma problematização para que tenha um real significado para a aprendizagem das crianças (SCHUSTER, 2016, p. 10).

Dessa forma, o planejamento do professor de creches e Educação Infantil que se baseia no nível de desenvolvimento real da criança pensando em atividades que a farão atingir seu desenvolvimento pleno, pensando, inclusive, nas disposições de móveis, brinquedos, livros e outros objetos dentro da sala de aula. O planejamento não pode ser pensado como uma gama de atividades para cumprir currículo, mas sim como desenvolvedor de atividades intencionais e norteador do desenvolvimento dos alunos.

Nas creches e escolas de Educação Infantil temos um ambiente que coloca bebês e crianças diante de situações que os permitem explorar múltiplos recursos e linguagens. Na escola, a criança começa a ampliar seu vocabulário, aprendendo o significado de novas palavras e expressões, desenvolvendo, pela mediação dos adultos e interação com seus pares e o meio, seu pensamento e sua linguagem.

Quando interage com outras pessoas, que conversam, cantam e brincam com ela em momentos da rotina diária, a criança amplia o aprendizado de novas palavras e aprende a dialogar com os que estão ao seu redor. Neste sentido, “a professora mediadora precisa proporcionar situações para as crianças, em que as experiências por elas vividas possam enriquecer suas estruturas intelectuais” (SCHUSTER, 2016, p. 11).

A mediação por meio de materiais pedagógicos, signos, imagens, canções, que auxiliam a criança em suas tarefas, tem que ser útil no auxílio das atividades práticas que levarão à construção de experiências. Também é papel do professor de Educação

Infantil disponibilizar esses materiais em momentos propícios que favoreçam a prática pedagógica e a interação entre as crianças.

A mediação dentro de sala de aula acontece na interação da criança com o adulto e seus pares mais experientes, mas é apenas em um ambiente democrático que esta mediação se dará de maneira favorável ao aprendizado das crianças. O professor, neste caso, tem a função de proporcionar ações que, percebendo os instrumentos e signos que poderiam enriquecer aquela prática, use-os de maneira a incentivar a troca de experiências entre o grupo.

Uma professora em sala de berçário, após uma criança começar o desfralde de maneira abrupta, percebeu a curiosidade do restante do grupo ao ver a colega usando o vaso sanitário. Na semana seguinte, parte do planejamento pautou-se em ler e deixar as crianças explorarem um livro infantil sobre desfralde e necessidades fisiológicas, e começou a usar uma canção infantil sobre o assunto a cada vez que a criança desfraldada usava o banheiro. Mesmo aqueles que não estavam desfraldados, começaram a comemorar cada ida ao banheiro da colega e percebeu-se um avanço comunicativo: outras crianças da turma, mesmo usando fralda, passaram a também avisar que queriam fazer ou haviam feito suas necessidades e precisavam ser limpas.

Ou seja, instrumentos simples, como um livro e uma canção, usados da maneira correta, não só ampliam vocabulário como também ampliam vivências. Percebemos, em situações que parecem simples e comuns, mas são de extrema notabilidade para o desenvolvimento da linguagem infantil, como a mediação do professor é importante na ampliação das possibilidades de aprendizagem, ao organizar o ambiente e possibilitar às crianças interações com os objetos e outras pessoas que permitirão a internalização dos instrumentos culturais que desenvolvem o psiquismo humano.

O processo de internalização dos instrumentos culturais, que norteiam a importância decisiva do outro no desenvolvimento da linguagem infantil, deve ser entendido como um processo

[...] no qual estão presentes tanto a conservação do que já existia como a criação do ainda não existente. O instrumento cultural apropriado pelo indivíduo torna-se parte de seu ser, incorpora-se à sua individualidade, transmutando as capacidades do gênero humano, da humanidade como um todo, em capacidades do indivíduo (MARTINS; RABATINI, 2011, p. 355).



Assim, o processo de ensino, além de transmitir conhecimento, pode ser entendido como um processo de apropriação do que é ou não aceito social e culturalmente (MARTINS; RABATINI, 2011). Ao repetir incessantemente a um aluno que, quando frustrado, agride os demais, “nós não batemos nas pessoas, bater machuca”, o professor está transmitindo ao aluno a noção de que naquela sociedade não é social ou culturalmente permitido ou aceito como correto bater em terceiros. O processo de ensino ultrapassa as barreiras dos muros da escola, colocando a criança em contato com a cultura em que está inserida, imergindo-a nela e, com o restante da sociedade, modificando-a.

Ao apropriar-se da cultura, o ser humano humaniza-se. Por isso, a educação escolar deve promover a superação dos limites inatos do ser humano. Assim,

[...] se a escola é o locus privilegiado na promoção das referidas internalizações, por meio dela, os homens devem apropriar-se das formas sociais mais elaboradas, mais complexas de comportamento, convertendo-as em meios próprios de interação com o mundo e conteúdos de sua personalidade (MARTINS; RABATINI, 2011, p. 355).

Entre essas formas sociais mais elaboradas de comportamento encontra-se a linguagem, que, por ter função comunicativa, permite ao ser humano exprimir opiniões, desejos, sentimentos e informações. Pela cultura a criança começa a apropriar-se da linguagem e, por meio da linguagem, começa a modificar a cultura.

Ao vivenciar e manipular objetos, as crianças criam e descobrem formas de moldar o mundo de acordo com suas próprias experiências e, nas creches e escolas de Educação Infantil, as crianças de 0 a 2 anos o fazem por meio das brincadeiras — “por meio delas as crianças entram em contato com seu corpo, os movimentos corporais se estabelecem, surgem as imitações e, conseqüentemente, as descobertas acontecem” (TEIXEIRA; DICKEL, 2013, p. 59).

Portanto, frequentar uma escola na infância proporciona mais experiências a uma criança do que apenas as vivências no seio familiar. Interagir com pessoas de diferentes culturas, que vivem distintas realidades, mediados por profissionais capacitados em desenvolver integralmente a criança, exercita as capacidades de interação e comunicação (PAIM; SANTOS; KRÁS, 2012), promovendo, dessa forma, o desenvolvimento da linguagem infantil.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo analisar a influência das experiências culturais iniciais da vida de crianças de 0 a 2 anos no desenvolvimento da linguagem. Para isso, preocupamo-nos com a identificação de produções acadêmicas de diferentes abordagens sobre o desenvolvimento da linguagem e a mediação cultural, bem como com a exposição de maneiras de estimular o desenvolvimento da linguagem em crianças na faixa etária determinada, demonstrando a importância do papel da escola e do educador neste processo.

Deste modo, usando o fundamento de teóricos da Teoria Histórico-Cultural, recorreremos à psicologia para analisar o desenvolvimento infantil de crianças de 0 a 2 anos e a relação com o adulto e com o meio. Percorrendo a gama de informações apresentadas sobre o desenvolvimento infantil, voltamo-nos ao ponto principal do trabalho, o desenvolvimento da linguagem. Para isto, foi necessário discorrer sobre o pensamento e o processo de internalização, que são indissociáveis ao desenvolvimento da linguagem. Recorrendo à pedagogia, pudemos compreender a importância e o papel da escola e do educador para o desenvolvimento da linguagem infantil nos primeiros dois anos de vida.

Após o caminho percorrido, foi possível chegar às sínteses que colocam uma vírgula a esse trabalho, mas não um ponto final, pois tal temática abarca assuntos que podem ser desenvolvidos para além da Graduação.

Sintetizamos que, o ser humano diferencia-se dos animais por ter seu psiquismo sujeito a influência da cultura. Por isso, para humanizar-se, a criança precisa, desde a mais tenra idade, interagir com outras pessoas e ser inserida em um ambiente social. Com o auxílio do adulto, a criança assimila as heranças culturais construídas por aqueles que vieram antes dela e adquire pouco a pouco a linguagem que pertence àquela cultura a que foi exposta mesmo antes de seu nascimento.

O nascimento do bebê é causa de grande comoção para os outros e para ele. O ambiente em que este recém-nascido se insere é de grande importância para seu desenvolvimento. Nesta etapa tão precoce, já são encontrados traços de desenvolvimento das premissas da linguagem por meio da relação com o adulto, como o choro, por exemplo, pois sendo a linguagem um meio de comunicação social, de

função comunicativa, ao tentar se comunicar com o adulto por meio do choro ou do grito, encontra-se no bebê características do desenvolvimento da linguagem.

Ao chegar na primeira infância, passado o primeiro ano de vida, grandes conquistas são atingidas, como o andar ereto e o domínio da linguagem. O andar ereto proporciona à criança liberdade de lidar com o mundo externo e orientar-se no espaço. O desenvolvimento da linguagem passa a ocorrer rapidamente, assim como o do pensamento, pois o pensamento está concatenado à linguagem e é externalizado através dela. O processo de internalização pelo qual passa a criança faz do pensamento verbal e da fala conceitual.

Neste sentido, a mediação do adulto entre criança e meio é essencial e promove o desenvolvimento. Por meio da linguagem, desde os primeiros dias de vida, a criança começa a conhecer e ser guiada pelas regras de conduta da sociedade em que vive.

Assim, a atividade intencional dos educadores de Educação Infantil é de enorme importância para que as crianças consigam desenvolver um pensamento complexo e linguagem oral mais intelectual. O processo de ensino, além da construção do conhecimento, é um processo de apropriação do que é ou não aceito em determinada sociedade e cultura e, apropriando-se da cultura, o ser humano vai humanizar-se. Com o apoio da escola e dos educadores, as crianças têm possibilidade de internalizar instrumentos culturais que desenvolvem o psiquismo humano e apropriar-se das formas sociais mais elaboradas do comportamento, como a linguagem.

É papel do professor, portanto, disponibilizar materiais e situações intencionais que proporcionem o desenvolvimento da linguagem e favoreçam a prática pedagógica e a interação entre as crianças e o meio cultural em que vivem.

Por fim, esta pesquisa contribui para a área de Educação Infantil, haja vista que o tema encontra-se sendo atual e relevante, tratando-se do desenvolvimento da linguagem através da mediação cultural inicial de 0 a 2 anos — tema este que ainda gera dúvidas entre educadores que lecionam para esta faixa etária.

Porém, ao final do trabalho ainda se encontram informações em aberto sobre a influência do brincar no desenvolvimento da linguagem infantil e como se dá o desenvolvimento da linguagem através da mediação cultural em crianças de 0 a 2 anos com desenvolvimento atípico; temas que estão sendo estudados com a intenção de seguir para programas de pós-graduação da UNESP (mestrado e doutorado). Com isso, referendamos a ideia da importância de estudos nessa linha, uma vez que, como

enunciado anteriormente (ponto de partida): "It takes a whole village to raise a child"  
(African Proverb).

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Poliana Gonçalves - **A inserção cultural como ocasião para se produzir novos elementos culturais**. Revista IGT na Rede, v. 10, nº 18, 2013, p. 3 – 17. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/viewissue.php?id=19>>. Acesso em: 30 dez 2020.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- GONZÁLEZ, Abel Gustavo Garay. **Fundamentos da teoria histórico-cultural para a compreensão do desenvolvimento do pensamento conceitual de crianças de 4 a 6 anos**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.
- LEONTIEV, A.N. El pensamiento. In: HURTADO, J.L; GONDAR, B.D. (Org.) **Superación para Profesores de Psicología**. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, Cuba, 1975.
- LIUBLINSKAIA, Anna Alexandrovna. **Psicologia infantil**. Ciudad de La Habana: Editorial de libros para la educación, 1981.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, Lígia Márcia; RABATINI, Vanessa Gertrudes. A concepção de cultura em Vigotski: contribuições para a educação escolar. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 11, n. 22, p. 345-358, dez. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2011000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2011000200011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 30 out. 2021.
- MATA, José Siqueira da. **Escola: Qual sua verdadeira função?** Artigo (Conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE 2007). Londrina, 2008. Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_jose\\_siqueira\\_mata.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_jose_siqueira_mata.pdf)>. Acesso em: 29 dez 2020.
- MEC, BRASIL. **Bebês como leitores e autores**. Brasília, Coleção Leitura e escrita na educação infantil. v.5, 2016.
- MUKHINA, Valeria. **Psicologia da idade pré-escolar: um manual completo para compreender e ensinar a criança desde o nascimento até os sete anos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PAIM, Fernanda; SANTOS, Letícia; KRÁS, Cléa. O desenvolvimento da linguagem infantil. **Revista Conversas Interdisciplinares**, Rio Grande do Sul, v. 7, n. 3, 2012. Disponível em: <<http://ulbratorres.com.br/revista/artigos/volume2012/3.pdf>>. Acesso em: 23 set 2020.

PETROVSKI, A. **Psicología General**. Moscú: Editorial Progreso. 1986

REGO, Cristina Teresa. **VYGOTSKY**. Petrópoles: Vozes, 1994.

SAVIANI, Demerval. **A pedagogia histórico-crítica, as lutas de classe e a educação escolar**. *Geminal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 5, n. 2, p. 25-46, dez. 2013.

SCHUSTER, Simone Cristina. **Desenvolvimento Infantil em Vygotsky: contribuições para a mediação pedagógica na educação infantil**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal da Fronteira do Sul, Chapecó, 2016.

TEIXEIRA, Cristina Ribas; DICKEL, Adriana. A aquisição da linguagem por meio das interações promovidas pelo cuidador em classe de berçário. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 30, n. 91, p. 52-63, 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862013000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862013000100007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 30 out. 2021.

VYGOTSKI, L. S. **El desarrollo de los procesos psicológicos superiores**. Madrid: Ed.Crítica, España, 1979.

VYGOTSKI. L.S. **Obras escogidas IV**. Madrid, Centro de Publicaciones del MEC y Visor Distribuciones, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. 4ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.

YOU (Season 3). Direção: Sera Gamble, Greg Berlanti. Los Angeles, CA: Netflix. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/80211991>>. Acesso em: 19 out. 2021.

ZANETTE, Marcos Suel. **Pesquisa qualitativa no contexto da educação no Brasil**. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 33, n. 65, p. 149-166, jul./set. 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/47454/33236>>. Acesso em: 06 fev 2021.